

UMA PRODUÇÃO ORIGINAL BRASIL PARALELO



# FROM THE RIVER TO THE SEA

---

UM FILME SOBRE A GUERRA EM ISRAEL



# FROM THE RIVER TO THE SEA

---

UM FILME SOBRE A GUERRA EM ISRAEL

## E-BOOK

TEXTO

**HENRIQUE B. OMEGNA**

DIAGRAMAÇÃO E ARTE

**MICHELE M. MORAES**



# E-BOOK INTERATIVO

Este e-book contém hyperlinks para facilitar sua leitura. Toque ou clique nos capítulos e seções do índice para ser direcionado ao seu conteúdo correspondente.



Ao final de cada página, no canto esquerdo inferior, utilize o botão "home" para retornar rapidamente ao índice.



# ÍNDICE

## INTRODUÇÃO

UMA RIVALIDADE DE 4 MIL ANOS	05
AS GUERRAS ÁRABE-ISRAELENSES	12

## CAPÍTULO 01

TERRA SANTA, PROBLEMAS PERVERSOS	15
O FIM DA HISTÓRIA?	15
CHOQUE DE REALIDADE	18
7 DE OUTUBRO, 2023	21

## CAPÍTULO 02

GUERRA SANTA	25
MODUS OPERANDI	28
SI VIS PACEM PARA BELLUM	30

## CAPÍTULO 03

CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES	
O AIATOLÁ POR TRÁS DA CORTINA	35
O OCIDENTE CONTRA SI	38

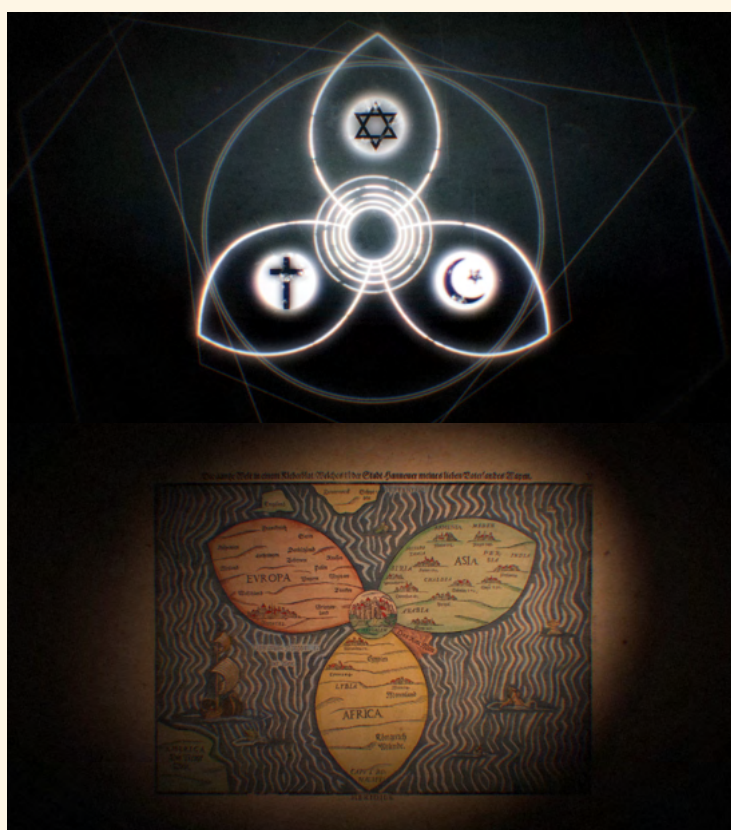


# INTRODUÇÃO

# FROM THE RIVER TO THE SEA: A GUERRA EM ISRAEL

## UMA RIVALIDADE DE 4 MIL ANOS

Em uma pequena faixa de terra, em um ponto onde o Ocidente e o Oriente se encontram, há uma terra que emana leite e mel, mas também sangue e lágrimas. O nome dessa terra é Jerusalém, local sagrado para as três principais religiões monoteístas do mundo: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.



Juntos, cristianismo<sup>1</sup> e islamismo<sup>2</sup> correspondem às crenças de mais da metade da humanidade — com mais de 2 bilhões de adeptos cada. Já o judaísmo possui “apenas” 15,2 milhões<sup>3</sup>, segundo dados de 2021. O judaísmo, por conseguinte, é uma minoria. Não obstante, é também a religião cujas raízes serviram para dar origem ao cristianismo e ao islamismo.

<sup>1</sup> <https://www.pewresearch.org/religion/2011/12/19/global-christianity-exec/>

<sup>2</sup> <https://timesprayer.com/en/muslim-population/>

<sup>3</sup> <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/number-of-jews-in-the-world>



De acordo com o Antigo Testamento cristão, o Tanakh judaico e o Alcorão muçulmano, Abraão foi pai de Isaque e de Ismael, que foram, respectivamente, os ancestrais do povo judeu e do povo árabe. Uma desavença entre Sara, mãe de Isaque, e Hagar, mãe de Ismael, fez com que Sara exigisse

que Ismael e Hagar fossem expulsos da casa de Abraão, que, por sua vez, acatou o pedido e os expulsou. Esse foi o início do que viria a se tornar a disputa entre judeus e árabes muçulmanos pela herança de Abraão, que inclui a “Terra Prometida”, há 4 mil anos atrás.



Essa se trata da terra de Canaã, pela qual o povo judeu guerreou até conseguirem estabelecer os reinos de Israel e de Judá, a partir do século XIII a.C. Esses reinos prosperaram por séculos, até que os impérios da Babilônia<sup>4</sup> e da Assíria<sup>5</sup> os destruíram e levaram sua população cativa. Essa foi a **primeira diáspora**. No século II a.C. os judeus retornaram à região, desta vez sob controle do império persa, reconstruíram seu templo sagrado em Jerusalém, e eventualmente conseguiram reestabelecer um governo próprio.



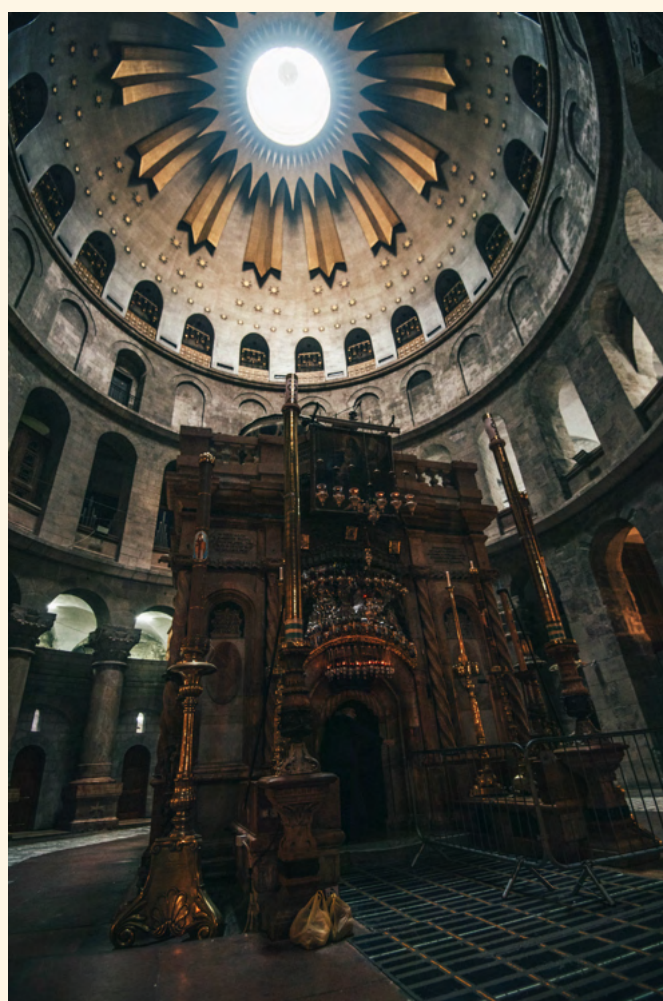
*Templo de Salomão: templo edificado pelo rei Salomão, filho de Davi, em homenagem à aliança entre o povo judeu e Deus. Foi destruído pela primeira vez em 586 a.C. pelo império babilônico. Foi reconstruído por volta de 515 a.C. e destruído novamente (dessa vez pelos romanos) em 70 d.C., dando origem ao Muro das Lamentações.*

<sup>4</sup> <https://www.britannica.com/topic/shelilat-ha-galut>

<sup>5</sup> <https://www.the-map-as-history.com/bible-and-history/the-kingdoms-of-israel-and-judah-face-to-face-with-the-neo-assyrian-empire>

Mas então Pompeu, o Grande, general romano, transformou a região (chamada Judeia) em território sob domínio do Império Romano. Anos de dominação romana eventualmente foram demais para os judeus, que se levantaram em uma grande revolta. Essa foi chamada de “Grande Revolta Judaica”, que foi brutalmente esmagada pelas forças romanas, que destruíram o segundo Templo de Salomão (em 70 d.C) e provocaram a **segunda diáspora** judaica. Em 135 d.C., após suprimir uma nova revolta judaica, acredita-se que o imperador Adriano ordenou que o nome “Judeia” fosse apagado dos mapas romanos<sup>6</sup>. Em seu lugar, surgiu o nome “Síria Palestina”.

É importante frisar que, além de ser lar ancestral do povo judeu, a região também tem vínculos com o cristianismo, já que é aqui onde Jesus Cristo teria sido crucificado e também sepultado, estando o Santo Sepulcro a menos de um quilômetro de distância da região onde o Templo de Salomão teria sido erguido (e derrubado). Mas como dito antes, a “Terra Prometida” e a sagrada cidade de Jerusalém não são preciosas apenas para judeus e cristãos. Com o passar dos séculos, essa pequena faixa de terra, agora chamada Palestina, tornar-se-ia também preciosa para outros povos...



*Santo Sepulcro:  
Localidade a qual é atribuída a sepultura de Jesus Cristo após  
sua crucificação.*

<sup>6</sup> <https://www.jstor.org/stable/1357617>



A partir do século VII, mais especificamente no ano 610 d.C., um homem teria recebido a revelação diretamente do arcanjo Gabriel, em uma caverna próxima à cidade de Meca, na atual Arábia Saudita. Esse homem é o profeta Mohammed (também chamado Maomé), que nos anos seguintes começou a pregar o que lhe teria sido revelado, convertendo milhares de pessoas e fundando o primeiro califado islâmico, que dominou a maior parte do Oriente Médio.



De acordo com a religião muçulmana, por volta do ano 621 d.C., o profeta Maomé teria sido levado em uma jornada noturna para Jerusalém, no local onde hoje existe a mesquita de Al-Aqsa. Nessa jornada, Maomé teria conduzido uma oração junto a Abraão, Moisés e Jesus, vendo Deus pessoalmente. Por causa disso, a mesquita de Al-Aqsa é considerada a terceira localidade mais sagrada para o Islã, depois de Meca e de Medina. Jerusalém, por ser lar de Al-Aqsa, conseqüentemente se torna um local muito valorizado pelos muçulmanos, ao ponto de ser usada como razão para justificar atentados terroristas (como será abordado adiante).





Em 632 d.C., Maomé adoeceu e faleceu. Sua morte causou uma cisão na religião muçulmana, que se dividiu entre **sunitas** e **xiitas**. Esses acreditavam que o sucessor do profeta deveria ser seu genro, Ali ibn Abi Talib, enquanto aqueles acreditavam que o sucessor do profeta deveria ser Abu Bakr, sogro e companheiro de combate do profeta Maomé. Os sunitas, seguidores de Abu Bakr, acabaram se sobressaindo e os xiitas se tornaram uma minoria dentro do Islã. Em seguida, durante o califado de Abu Bakr e dos líderes muçulmanos que o sucederam, o islã expandiu seu domínio para todo o Oriente Médio, tomando não só Jerusalém e a região da Palestina, mas também as regiões que hoje correspondem ao Irã, partes do Paquistão, Afeganistão e Turcomenistão ao leste, e o norte da África e quase toda a Península Ibérica ao oeste.



Foi assim que os califados islâmicos e os reinos cristãos europeus entraram em choque, dando origem às Cruzadas, que buscavam conquistar Jerusalém, e à Reconquista, que expulsou os muçulmanos da Península Ibérica após séculos de combates. Vários califados surgiram e se foram, até que quem se tornou o maior representante do poder muçulmano foi o Império Turco Otomano, que chegou a se expandir até os portões de Viena, onde foi contido em 1683, e manteve controle sobre a cidade de Jerusalém (também chamada Al-Quds). Isso é... até a Primeira Guerra Mundial.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial — também conhecida como “A Grande Guerra” — um grande confronto iniciado na Europa transbordou para o Oriente Médio. Ao seu fim, o Império Turco Otomano foi desmantelado, e suas posses territoriais divididas entre os vencedores: Rússia, França e Reino Unido. Todavia, essa divisão contrariou promessas feitas anteriormente aos povos da região.

A primeira promessa feita pelos britânicos aos árabes foram **duas propostas**:



uma apoiava a criação de Estados árabes independentes, feita para Hussein ibn-Ali, e outra apoiava o governo de Ibn Saud e a criação do que hoje conhecemos como Arábia Saudita. Essas promessas foram estabelecidas, respectivamente, pelas **correspondências Hussein-McMahon**<sup>7</sup> e pelo **Tratado de Darin**<sup>8</sup>.

Como se não bastasse, os britânicos também fizeram outra promessa aos judeus, através da **Declaração de Balfour**<sup>9</sup>, de 1917. Através desse documento, Arthur Balfour, Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros do Reino Unido, declarou o apoio britânico à criação “na Palestina de um lar nacional para o povo judeu”.

Essa declaração não foi um simples e súbito “ato de generosidade” britânico, mas sim o resultado de décadas de esforços empreendidos pelos judeus na Europa que haviam fundado o movimento sionista, que se trata de um movimento que defende o retorno<sup>10</sup> do povo judeu ao território onde estavam antes de serem expulsos pelos romanos<sup>11</sup>. Além disso, foi também uma tentativa, pelos britânicos, de ampliarem seu apoio local na região do Oriente Médio contra o Império Turco Otomano<sup>12</sup>.

O maior problema é que não só haviam duas propostas para os árabes que conflitavam entre si, mas também ambas eram conflitantes com a proposta feita para os judeus. Mas com o fim da Primeira Guerra Mundial e a existência de mais uma promessa secreta, o **Acordo Sykes-Picot**, entre França e Reino Unido, o Oriente Médio foi dividido entre os vencedores e o **Mandato Britânico para a Palestina** foi estabelecido<sup>13</sup>.

Os britânicos permaneceram na região por décadas. Apenas após a Segunda Guerra Mundial, com a pressão causada pelo Holocausto que resultou na morte de 6 milhões de judeus<sup>14</sup>, foi que se reconheceu a necessidade do povo judeu ter seu próprio Estado, para que um genocídio como aquele nunca mais fosse possível.

Em 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, a recém criada Organização das Nações Unidas votou em sua Assembleia Geral (conduzida pelo brasileiro Oswaldo Aranha) a **Resolução 181**, que determinou a criação de dois Estados: Israel, para os judeus, e Palestina, para os árabes palestinos. Ainda assim, os países árabes se opuseram à resolução, e protestaram saindo da sessão da Assembleia Geral. Não obstante, o **Plano de Partilha**

<sup>7</sup> <https://www.britannica.com/topic/Husayn-McMahon-correspondence>

<sup>8</sup> [https://etheses.whiterose.ac.uk/529/1/uk\\_bl\\_ethos\\_412035.pdf](https://etheses.whiterose.ac.uk/529/1/uk_bl_ethos_412035.pdf) (página 34)

<sup>9</sup> [https://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/balfour.asp](https://avalon.law.yale.edu/20th_century/balfour.asp)

<sup>10</sup> Já na década de 1920, o número de judeus no território do Mandato Britânico para a Palestina dobrou, e nas décadas seguintes continuaria a crescer ainda mais, principalmente devido à perseguição empreendida pela Alemanha nazista.

<sup>11</sup> <https://www.britannica.com/topic/Zionism>

<sup>12</sup> <https://www.aljazeera.com/features/2018/11/2/more-than-a-century-on-the-balfour-declaration-explained>

<sup>13</sup> <https://www.un.org/unispal/history2/origins-and-evolution-of-the-palestine-problem/part-i-1917-1947/>

<sup>14</sup> <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>





**da Palestina** foi aprovado<sup>15</sup>, resultando em uma guerra civil entre judeus e árabes palestinos na região<sup>16</sup>.

A disputa antes religiosa, que data da expulsão de Hagar e Ismael, tornou-se também territorial, e a guerra civil logo se tornaria a primeira de uma série de conflitos que há mais de 70 anos assolam o Oriente Médio. A tendência há muito estabelecida no Oriente Médio de sangue derramado sobre areia ainda não dava sinais de acabar, mas se intensificava.

<sup>15</sup> <https://www.un.org/unispal/history2/origins-and-evolution-of-the-palestine-problem/part-ii-1947-1977/>

<sup>16</sup> <https://www.haaretz.com/jewish/2014-11-30/ty-article/.premium/this-day-civil-war-erupts-in-palestine/0000017f-e81a-d97e-a37f-ff7daf50000>





## AS GUERRAS ÁRABE-ISRAELENSES<sup>17</sup>

Um ano depois, em 14 de maio de 1948, com o fim do Mandato Britânico, Israel declarou sua independência e passou a existir como um Estado soberano. Sua existência logo foi desafiada por um ataque de países árabes já na manhã seguinte. Síria, Iraque, Transjordânia (atual Jordânia), Egito e Líbano, reforçados por contingentes da Arábia Saudita e Iêmen<sup>18</sup>, atacaram Israel, dando início a uma guerra que acabaria menos de um ano depois, em março de 1949, com a vitória de Israel.

Essa vitória resultou em um grande aumento territorial israelense. Por mais que esse tenha sido um momento triunfante para Israel, foi também um momento desastroso para os árabes, pelos milhares de refugiados gerados pela sua derrota. Esse enorme movimento de migração forçada foi chamado “**Al-Nakba**”, que significa “o desastre” em árabe. Ou seja, enquanto Israel comemorava sua independência, as nações árabes lamentavam o desastre que aconteceu como resultado da primeira guerra árabe-israelense.

Essa foi apenas a primeira de várias outras guerras que ocorreram entre os países árabes e Israel. Estas são algumas das outras que ocorreram nas décadas seguintes:

- **Guerra do Canal de Suez, 1956:** também conhecida como “Crise do Suez”, foi uma guerra em que Israel, Reino Unido e França enfrentaram o Egito, motivados por razões geopolíticas e econômicas relacionadas ao Canal de Suez.

- **Guerra dos Seis-Dias, 1967:** conflito entre Israel e Egito, Síria, Iraque e Jordânia (com um pequeno envolvimento da força aérea do Líbano). Iniciou-se com um ataque preventivo israelense que permitiu que Israel obtivesse a vantagem militar e encerrasse a guerra em apenas seis dias.

- **Guerra de Yom Kippur, 1973:** conflito entre Israel e uma coalizão de países árabes liderados pelo Egito. Foi possibilitado pela falsa sensação de segurança israelense, que deixou o país vulnerável ao ataque surpresa realizado pelo Egito durante o feriado judaico de Yom Kippur. Essa guerra motivou as conversas diplomáticas que levariam à paz entre Israel e Egito pelos Acordos de Camp David no final da década de 1970.

- **Guerra do Líbano, 1982-1985:** Intervenção israelense no Líbano, no contexto da Guerra Civil do Líbano iniciada em 1975. A Organização para Libertação da Palestina (OLP), fundada em 1964, abrigava-se no sul do território libanes e, após a escalada de tensões entre o grupo e Israel, esse último invadiu o sul do Líbano, mantendo-se ali presente até os anos 2000.

<sup>17</sup> <https://www.britannica.com/event/Arab-Israeli-wars>

<sup>18</sup> <https://archive.org/details/1948historyoffir00morr/page/204/mode/2up?q=Yemen> (página 204-205)





Os conflitos árabes-israelenses ocorreram majoritariamente dentro do contexto da Guerra Fria, com um certo grau de participação dos países capitalistas e da União Soviética, seja no fornecimento de armamentos ou através do envolvimento diplomático. Com o fim da Guerra Fria, começou a se acreditar que o futuro da humanidade seguiria um rumo de paz e desenvolvimento. Houveram até mesmo aqueles que afirmaram que havíamos chegado ao “fim da história”<sup>19</sup>. Tamanha era a esperança e o otimismo naqueles anos. Israel também cultivou esse sentimento, mesmo passando pela **Primeira Intifada**, como será explicado no capítulo seguinte.

<sup>19</sup> Tese do cientista político Francis Fukuyama em seu livro “O Fim da História e o Último Homem”.



# CAPÍTULO 01



# TERRA SANTA, PROBLEMAS PERVERSOS

“**Problemas perversos**” é um conceito que distingue problemas sociais complexos de problemas simples e “matemáticos”. Esse tipo de problema é extremamente difícil de resolver, por diversos fatores: sua identificação é altamente dependente das opiniões que diagnosticam o problema — opiniões, essas, que tendem a ser numerosas e conflitantes; suas “soluções” são de difícil mensuração; cada tentativa de implementar uma solução é extremamente custosa; cada problema perverso tende a ser único e também resultado de outro problema anterior. Esse conceito foi descrito no artigo “Dilemmas in a General Theory of Planning”, de Horst W. J. Rittel e Melvin M. Webber<sup>1</sup>. A questão entre Israel e Palestina, devido à sua proporção e singularidade, pode ser considerada um problema perverso.

## O FIM DA HISTÓRIA?

Como fim da Guerra Fria, como já falamos, acreditava-se que um futuro melhor estava a caminho, inclusive para Israel. Desde 1987, Israel estava passando pela **Primeira Intifada**, que foi uma grande revolta generalizada da população árabe palestina contra a presença israelense na Cisjordânia e na Faixa de Gaza desde a Guerra dos Seis Dias, em 1967.

A Intifada durou até 1993, quando foi assinada a primeira parte dos **Acordos de Oslo**<sup>2</sup>. Nesses acordos, o Estado de Israel, representado pelo seu Primeiro Ministro, Yitzhak Rabin, reconheceu a Organização para Libertação da Palestina (OLP), chefiada por Yasser Arafat, como representante do povo palestino. Ao longo das negociações, Israel e OLP concordaram em dividir os territórios de Gaza e Cisjordânia em três tipos, descritos a seguir:

<sup>1</sup> [https://web.archive.org/web/20070930021510/http://www.uctc.net/mwebber/Rittel+Webber+Dilemmas+General\\_Theory\\_of\\_Planning.pdf](https://web.archive.org/web/20070930021510/http://www.uctc.net/mwebber/Rittel+Webber+Dilemmas+General_Theory_of_Planning.pdf)

<sup>2</sup> <https://www.britannica.com/topic/intifada>





- **Território A:** controle civil e militar palestino;
- **Território B:** controle civil palestino e controle militar israelense;
- **Território C:** controle civil e militar israelense.

Outro detalhe importante é que a partir dos Acordos de Oslo foi possível que um ano depois, em 1994, Israel e Jordânia firmassem um acordo de paz semelhante àquele entre Egito e Israel depois da Guerra de Yom Kippur. Através deste acordo de paz, houve entendimento entre os dois países sobre uma questão muitíssimo importante em todo o contexto do conflito: a condição territorial de Jerusalém. A partir da primeira guerra entre árabes e israelenses, Jerusalém tinha sido parcialmente ocupada por Israel, no oeste, e pela Jordânia, no leste. Mas Israel acabou ocupando toda a cidade a partir da Guerra dos Seis Dias, e até hoje Israel detém o controle de Jerusalém.

O acordo entre Jordânia e Israel em 1994, além de estabelecer a paz, oficializou o papel da Jordânia de administrar e preservar os locais sagrados para os muçulmanos em Jerusalém: o Domo da Rocha e a mesquita de Al-Aqsa. Esses locais são há séculos mantidos pelos hachemitas<sup>3</sup>, que são membros da família real jordaniana. Essa tradição se mantém mesmo com o controle israelense de Jerusalém, que em 1994 formalizou seu compromisso em não a alterar.

Mas mesmo que os hachemitas sejam os responsáveis por Al-Aqsa, a mesquita onde Maomé teria ascendido aos céus, isso não impede que muitos grupos terroristas, como o Hamas (que foi criado durante a Primeira Intifada) afirmem que Israel está ocupando esses locais e usem isso como combustível para motivar atentados e lutar contra Israel. Mesmo assim, o sentimento israelense a partir da década de 1990, acentuado pelos Acordos de Oslo, foi de que a paz definitiva estava próxima.

<sup>3</sup> [https://dpa.gov.jo/En/Pages/Jerusalem\\_and\\_the\\_Hashemite\\_Custodianship](https://dpa.gov.jo/En/Pages/Jerusalem_and_the_Hashemite_Custodianship)



A realidade logo se fez presente. No Oriente Médio, não só a guerra, mas também a paz cobra seu preço em sangue. Yitzhak Rabin, então Primeiro Ministro israelense que assinou os Acordos de Oslo, foi assassinado por um cidadão israelense radical que era contrário à paz com os palestinos<sup>4</sup>. Também havia sido assim com Anwar Al Sadat, presidente do Egito que assinou a paz com Israel na década de 1970, assassinado por um extremista islâmico<sup>5</sup>. Quando Rabin foi morto, em 1995, o processo de paz iniciado em Oslo não foi interrompido, mas nos anos seguintes começaria a ser seriamente prejudicado, até que o atentado de 7 de outubro de 2023 fizesse com que muitos israelenses passassem a considerar os Acordos de Oslo um grande erro.



“Eu acho que os Acordos de Oslo foram estúpidos. Meu problema não foi com as concessões. Eu disse a (Yitzhak) Rabin ‘eu vou mais longe que você nas concessões’, meu problema era que não tínhamos um parceiro. Arafat era e continuou a ser um terrorista bárbaro, e nada mais!”  
— Dan Schueftan

“Oslo foi um processo de enganação de Arafat, que queria voltar para Israel, e em troca de voltar a Israel, à Palestina, estava disposto a prometer qualquer coisa, e desde o momento em que chegou ele quebrou todas as promessas que fez” – Major General (Res.) Yaakov Amidror



<sup>4</sup> <https://www.jpost.com/magazine/trying-to-understand-yigal-amir-21-years-on-471601>

<sup>5</sup> <https://www.brookings.edu/articles/what-anwar-sadats-murder-40-years-ago-meant-for-the-middle-east/>

## CHOQUE DE REALIDADE

Continuando as conversações que haviam se iniciado em 1993, Ehud Barak, Primeiro Ministro de Israel, encontrou-se com Yasser Arafat em Camp David no ano 2000. Infelizmente, nenhum acordo foi estabelecido por esse encontro, principalmente por causa de desentendimentos sobre a divisão de Jerusalém.



“Como muitos israelenses, eu vi Ehud Barak ir para Camp David [...] e basicamente oferecer a Yasser Arafat [...] tudo o que haviam nos dito que os palestinos queriam. Ele ofereceu (a Arafat) um Estado [...]; um fim da ocupação; recuo do exército israelense; sem assentamentos, eles seriam desmantelados ou trocados por território equivalente; capital em Jerusalém Oriental, incluindo locais sagrados... basicamente ‘check, check, check’, os palestinos tinham que apenas dizer ‘sim’. Arafat tinha que dizer ‘sim’. Ao invés, ele se retira.”  
– Einat Wilf

Em um discurso após retornar das negociações, falando para uma população palestina em Ramalá, Arafat afirmou enfaticamente que queria “toda Jerusalém”, sem estar disposto a ceder mesmo que um punhado daquele solo<sup>6</sup>. A falha em Camp David é considerada um dos pontos de partida para a **Segunda Intifada**<sup>7</sup>.

Essa segunda intifada, também conhecida como “Intifada de Al-Aqsa”, começou quando Ariel Sharon (que no ano seguinte seria eleito Primeiro Ministro de Israel) fez uma visita ao Monte do Templo, onde está a mesquita Al-Aqsa. Essa visita foi vista como uma provocação e uma ameaça ao status quo da condição desse local sagrado, levando a população árabe palestina à revolta aberta contra Israel mais uma vez.

E foi assim que uma nova onda de terrorismo começou a atingir Israel, lançada a partir dos territórios classificados como “A” de acordo com os Acordos de Oslo, que são os territórios administrados totalmente pela Autoridade Palestina. Segundo o Major-General (Res.) Yaakov Amidror, as mortes causadas pelos atos terroristas da Segunda Intifada chegaram a matar cerca de 122 pessoas por mês no ano de 2002. O pior de tudo: todos esses atentados terroristas teriam ocorrido, segundo analistas israelenses, com o aval de Yasser Arafat! Ou seja, o líder palestino que negociava a paz com Israel diante das lentes midiáticas de todo o mundo estava, por trás das câmeras, estimulando ataques terroristas contra sua

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=VwmUOhBhK5M&t>

<sup>7</sup> <https://www.thenation.com/article/archive/september-28-2000-ariel-sharon-visits-the-temple-mount-sparking-the-second-intifada/>





contraparte israelense. Em Israel, entre os anos da Segunda Intifada até por volta do ano de 2006, não era possível frequentar restaurantes, cinemas, cafeterias e nem mesmo andar de ônibus sem o medo de ser vítima de um bombardeio suicida.

“Basicamente, a estratégia de Yasser Arafat foi sua estratégia de globalizar a Intifada. Ele pensou que se transformarmos isso em um caos global, o mundo inteiro pressionara Israel a resolver esse problema.” – Mosab Hassan Yousef



“Após os Acordos de Oslo, os palestinos receberam a responsabilidade pelo território chamado de Território A e desses territórios saíram terroristas que mataram 122 judeus israelenses por mês. Isso significa 1.500 pessoas por ano.” – Major General (Res.) Yaakov Amidror

Em 2005, Ariel Sharon, o homem que havia visitado Al-Aqsa em 2000, dando início à Segunda Intifada, e que se tornou Primeiro Ministro no ano seguinte, decidiu que Israel não deveria mais ocupar a Faixa de Gaza — que tal qual a Cisjordânia, havia sido ocupada na Guerra dos Seis Dias.

A saída de Israel daquele território serviria, em teoria, para dar a Israel legitimidade diante do resto do mundo, demonstrando a boa-fé israelense em cooperar com a autonomia árabe palestina em rumo à criação de seu próprio Estado. Portanto, Israel saiu unilateralmente da Faixa de

Gaza. Essa saída incluiu não só a presença militar, mas também civil, visto que haviam assentamentos israelenses em Gaza, o mais famoso dos quais era o complexo de Gush Katif, onde haviam 17 assentamentos<sup>8</sup>. A retirada da presença civil foi a parte mais polêmica e sofrida da saída, visto que muitos israelenses com moradia em Gaza foram forçados pelo próprio exército a se retirarem da região.

Uma vez realizada a saída, a população da Faixa de Gaza começou a dar os primeiros passos para se autogovernarem (com a ressalva de ainda dependerem de Israel em questões econômicas e também para viajarem para fora da Faixa de Gaza). Nesses primeiros passos, ocorreram as eleições legislativas palestinas de 2006. Até então, o partido político responsável por governar os territórios palestinos era o Fatah, partido de Yasser Arafat (que havia falecido em novembro de 2004 do ano passado). Mas com as eleições de 2006, o partido vencedor, tanto na Cisjordânia quanto na Faixa de Gaza, foi o Hamas.

O Hamas concorreu como oposição ao Fatah por se opor completamente a qualquer possibilidade de reconhecimento do Estado de Israel. Tentativas de conciliação entre o Fatah e o Hamas após as eleições foram infrutíferas, e o Hamas tomou o controle da Faixa de Gaza enquanto a Autoridade Palestina, cujo presidente é Mahmoud Abbas, do Fatah, continuou a governar a Cisjordânia. Desde então, não houve novas eleições na Palestina.

Enquanto isso, em Israel surgia o conceito de *conceptzia*, que está relacionado à crença de que era possível conter a agressividade do Hamas através do fornecimento de ajuda econômica para Gaza por um lado, e pela superioridade informacional da inteligência israelense por outro, que a princípio sempre estaria um passo à frente do Hamas. Mesmo assim, o Hamas continuou a agir agressivamente contra Israel, lançando ataques de foguetes e até mesmo sequestrando o soldado Gilad Shalit em 2006<sup>9</sup>. Desde então, conflitos esporádicos eram frequentes entre Israel e Hamas, além de outros grupos terroristas. Apesar disso, devido à *conceptzia* e à crença na superioridade militar israelense, o Estado de Israel e sua população em grande parte acreditavam que a ameaça estava contida.

O sonho de paz entre Israel e Palestina parecia não sobreviver ao choque com a realidade, e sua concretização se distanciava. A coexistência pacífica deu lugar à convivência com sirenes de ataques de foguetes em Israel e com operações militares israelenses em Gaza. Ainda houveram tentativas de paz e cooperação entre os povos, como a iniciativa de trazer palestinos de Gaza para trabalharem em Israel ou para terem consultas médicas em hospitais israelenses. Mas então, veio o 7 de outubro.

<sup>8</sup> <https://www.i24news.tv/en/news/israel/society/1663151477-israeli-feelings-about-gush-katif-17-years-later>

<sup>9</sup> Esse sequestro resultou na troca do soldado sequestrado pela de mais de mil prisioneiros vinculados de alguma forma com a causa palestina, em 2011, após anos de negociação e conflitos entre Israel e Hamas.





## 7 DE OUTUBRO, 2023

Na noite do dia 6 de outubro de 2023, Rafaela Treistman estava indo para um festival de música em Re'im, no sul de Israel, próximo à fronteira com a Faixa de Gaza. Junto a ela estava seu namorado, Ranani, e um amigo chamado Rafael. Nascida no Brasil mas naturalizada israelense há alguns anos, Rafaela vivenciou a noite do festival com bastante alegria, descrevendo as pessoas que vão para esse festival como “pessoas que escolhem amor”. Infelizmente, ao amanhecer, a situação deteriorou drasticamente, e o que se fez presente não foi o amor, mas sim o terror.

A partir das 6:30 da manhã<sup>10</sup>, o Hamas lançou uma onda de foguetes contra Israel, que precederam a invasão a partir de várias partes do muro que divide Gaza de Israel. Várias partes desse muro foram derrubadas, além de alguns membros do Hamas também se utilizarem de *paragliders*<sup>11</sup> motorizados para passarem por cima do muro. Uma vez dentro de Israel, os terroristas atacaram o festival onde Rafaela estava. Lá, mataram 364 pessoas, tanto os que estavam na festa quanto os que haviam fugido quando as sirenes começaram a soar<sup>12</sup>.

Rafaela, seu namorado Ranani e seu amigo Rafael haviam se escondido em um bunker cuja capacidade máxima eram 12

pessoas, mas acabou precisando abrigar 40. Os terroristas logo alcançaram esse local. Por horas, os abrigados no bunker sofreram várias ondas de ataques (com granadas, bombas de aquecimento, fumaça, etc.) que tentavam fazer com que eles saíssem de lá, para serem raptados ou mortos pelo Hamas. Ao final da investida, apenas 10 pessoas haviam sobrevivido; apenas aquelas que ficaram embaixo dos corpos de todas as outras pessoas que foram vítimas do Hamas naquele bunker. Rafaela e seu amigo Rafael sobreviveram, mas não o Ranani, que se tornou uma das 364 vítimas do massacre da Rave Nova, nome do festival que estava ocorrendo.

Não foi apenas o local da festa que foi alvo do massacre do Hamas. Os terroristas — cerca de 3 a 6 mil, segundo a IDF<sup>13 14</sup> — se dirigiram para diversos locais no sul de Israel, perpetuando atrocidades contra a população israelense. No total, foram 1.139 vítimas<sup>15</sup> do ataque terrorista. O Hamas não distinguiu entre civis israelenses ou estrangeiros, entre adultos, crianças ou idosos, entre homens ou mulheres. Houveram não só assassinatos, como tortura, sequestros e estupros. Em proporção, foi o maior ataque terrorista já realizado contra Israel em toda a sua história.

<sup>10</sup> <https://www.al-monitor.com/originals/2024/09/october-7-how-israels-deadliest-day-unfolded>

<sup>11</sup> <https://edition.cnn.com/videos/world/2023/10/25/exp-israel-gaza-attack-jeremy-diamond-war-fst-102512pseg1-cnni-world.cnn>

<sup>12</sup> [https://www.timesofisrael.com/liveblog\\_entry/death-count-from-massacre-at-reim-music-festival-reportedly-updated-to-364-a-third-of-oct-7-deaths/](https://www.timesofisrael.com/liveblog_entry/death-count-from-massacre-at-reim-music-festival-reportedly-updated-to-364-a-third-of-oct-7-deaths/)

<sup>13</sup> <https://www.timesofisrael.com/idf-estimates-3000-hamas-terrorists-invaded-israel-in-oct-7-onslaught/>

<sup>14</sup> <https://www.timesofisrael.com/report-new-idf-assessment-shows-some-6000-gazans-invaded-israel-on-oct-7/>

<sup>15</sup> <https://www.france24.com/en/live-news/20231215-israel-social-security-data-reveals-true-picture-of-oct-7-deaths>



Os kibbutzim, que são pequenas comunidades israelenses com relativo grau de autonomia, foram fortemente atingidos pelos ataques, como demonstrado nos massacres ocorridos em Kfar Aza, Be'eri, Nir Oz e outros locais. A infiltração no território israelense pelos terroristas foi duramente combatida, mas a resposta israelense inicial levou horas para conseguir conter o avanço dos terroristas. Parte dessa demora é explicada pelo fato de o ataque ter ocorrido durante o feriado judeu de Simchat Torah, especificamente 50 anos e 1 dia após o ataque que levou à Guerra de Yom Kippur, quando exércitos árabes atacaram Israel também durante um feriado.

Muitos dos soldados israelenses estavam afastados, liberados pelo alto escalão do exército para poderem passar o feriado com suas famílias. Muitos, após serem chamados às pressas de volta à guerra, nunca mais veriam suas famílias novamente.





Além dos assassinados, o Hamas também fez 240 reféns, muitos dos quais não sobreviveram ao cativeiro. Atualmente, ainda há cerca de 100 reféns sendo mantidos pelo Hamas.





# CAPÍTULO 02



# GUERRA SANTA



“Não existe tal coisa de Guerra Santa, guerras são o total oposto de santas. Não. Essa é uma guerra de sobrevivência.” – Robert Aumann, vencedor do Prêmio Memorial Nobel de Ciências Econômicas de 2005

## JIHAD<sup>1</sup>

O que motiva movimentos extremistas como o Hamas a realizar atentados tão desumanos como os perpetrados em 7 de outubro de 2023? Trata-se de uma leitura fundamentalista e deturpada do Alcorão, o livro sagrado da religião muçulmana.

Na religião muçulmana, existe o conceito de jihad, que se refere a um esforço ou batalha empreendido pelo fiel muçulmano em nome de sua fé, e seu significado depende de como tal esforço é realizado.

Originalmente, conforme a 25ª Sura, versículo (*ayat*) 52, afirma (dentre outras passagens):

“Não dê ouvidos aos incrédulos, mas combata-os severamente, com ele (o Alcorão)”.

<sup>1</sup> Lembremos que no mundo há cerca de 2 bilhões de muçulmanos e esse ebook repudia veementemente qualquer tentativa de generalizá-los ou sua religião. Aqui nos referimos apenas aos movimentos terroristas que, tal qual já foi feito com outras religiões, se usam de interpretações radicais e deturpadas dos textos sagrados para levar adiante objetivos ideológicos violentos.



Esse combate é a *jihad* no **sentido interno**, também considerada a “grande *jihad*”, contra vícios e más tendências internas, assim como com a pregação da palavra do Alcorão aos não-seguidores. A *jihad* interna, conforme a tradição muçulmana, também pode ser chamada pelo termo *sabr*<sup>2</sup>, que pode ser entendido como “paciência” e é exemplificado pela 3ª Sura, ayat 140:

“Quando receberdes algum ferimento, sabeis que os outros já sofreram ferimento semelhante. E tais dias (de infortúnio) são alternados, entre os humanos, para que Deus Se assegure dos crentes e escolha, dentre vós, os mártires; sabeis que Deus não aprecia os injustos”.

Mas há também o termo *qital*, referente à *jihad* no sentido externo, também considerada “pequena *jihad*”, contra os inimigos da fé muçulmana. *Qital* se refere à luta física e à autodefesa da *umma*, a comunidade muçulmana, contra agressores. Como Mohammad Massad afirma no documento *From the River to the Sea*:



“É proibido para um muçulmano derramar sangue, a menos que ele esteja defendendo sua vida ou a vida de inocentes” – Mohammad Massad, ex-terrorista da Fatah e pesquisador sobre terrorismo e religião.

O que os movimentos extremistas fazem é interpretar o que está em suas escrituras sagradas de uma forma que justifique seus atos terroristas — lembrando que terrorismo é o emprego do terror de forma coercitiva para atingir objetivos políticos. Logo, *jihad*, *qital*, o **martírio** e outros conceitos religiosos são aplicados conforme uma visão deturpada da religião. Tomemos de exemplo o martírio, que é o sofrimento de morte devido ao comprometimento de um indivíduo com sua religião. De acordo com a visão extremista, esse martírio justifica não só a morte em combate contra soldados israelenses, por exemplo, mas também atentados suicidas em que terroristas se explodem em centros urbanos movimentados, independente das mortes causadas a civis.

<sup>2</sup> <https://www.britannica.com/topic/jihad>



Um fato que ilustra bastante a indiferença extremista em matar civis em nome da *jihad* é a justificativa usada por Osama Bin-Laden para as mortes de civis americanos após o atentado de 11 de Setembro de 2001. Segundo Bin-Laden, por ser a América uma democracia, os cidadãos americanos são culpados pelas atitudes dos seus governos<sup>3</sup>, já que esses governos foram eleitos democraticamente pelo povo. Assim, civis não são apenas possíveis e infelizes danos colaterais, mas, aos olhos dos extremistas, alvos legítimos.

“Há algo que as pessoas precisam entender: a guerra com o Hamas é assimétrica. Do ponto de vista deles, todo alvo é legítimo, não importa se são crianças, se são bebês, se são mulheres, civis estrangeiros, qualquer coisa que entre no alvo deles é, do ponto de vista deles, uma vítima legítima. – Major General (Res.) Uzi Dayan



<sup>3</sup> <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-30411519>

## MODUS OPERANDI

A simples deturpação da religião não funcionaria se não houvesse um método para recrutar novos membros e aumentar as fileiras de soldados de grupos terroristas. Esse método é a radicalização, voltada aos membros mais vulneráveis de cada sociedade. Aqueles que são facilmente impressionáveis e cuja mentalidade é suscetível à manipulação. Logo, os alvos ideias da radicalização são jovens, principalmente crianças.

Como as histórias de Mohammad Massad na Cisjordânia e Dor Shachar em Gaza demonstram, os grupos terroristas e suas células espalhadas pelo Oriente Médio possuem todo um aparato ideológico que fomenta o medo e o ódio em crianças desde jovens. Com a questão Palestina, o fazem com base na história do Nakba ou da situação de Al-Aqsa, citadas no começo deste ebook. Assim, alimenta-se o ódio contra Israel. Não só contra Israel, mas também contra os judeus, como a versão de 1988 da Carta do Hamas demonstra<sup>4</sup>.



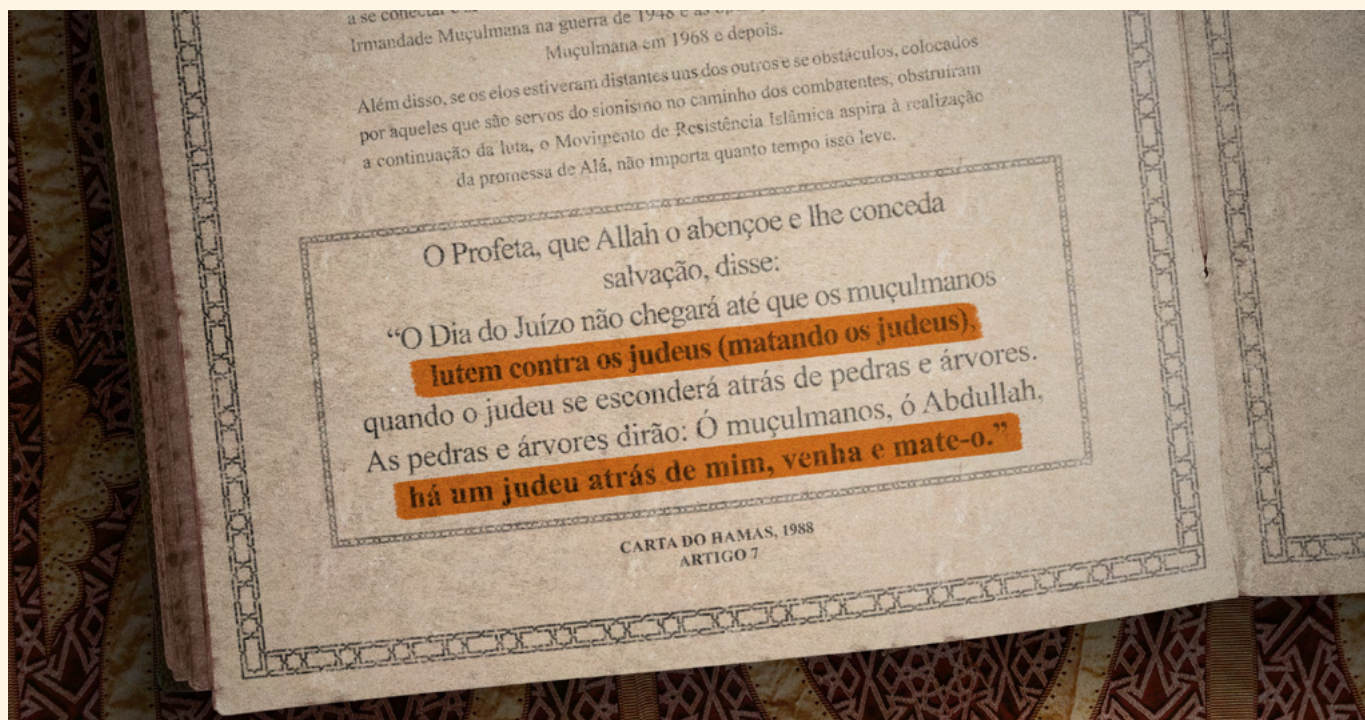
*“Eles nos ensinam coisas que não estão em nenhum dos livros sagrados. Eles nos ensinam que se matarmos um judeu, cortarmos sua cabeça [...] e jogar seu corpo no mar, entramos no paraíso, e somos recompensados com rios de mel, virgens, fragrâncias e coisas bonitas” – Mohammad Massad*



*“Meu pai tentou me empurrar para eu me tornar um terrorista, para trazer honra para a família. Quando alguém mata judeus ou cristãos, é uma honra para a família, é uma família respeitada no bairro” – Dor Shachar*

<sup>4</sup> [https://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/hamas.asp](https://avalon.law.yale.edu/20th_century/hamas.asp)





Desde jovens, as crianças são ensinadas a odiarem os inimigos dos grupos terroristas, sejam eles os judeus, os cristãos, os israelenses, os europeus ou americanos, ou até mesmo os próprios muçulmanos que não seguem a ideologia radical desses grupos<sup>5</sup>. Assim, são ensinados que é correto atirar pedras e coquetéis molotov naqueles que segundo a jihad extremista, devem ser combatidos.

Todavia, a teoria por si só não é o único estímulo empregado para recrutar e manter novos soldados. Além de crescerem em meio às ideologias extremistas, os jovens, depois de recrutados, devem ser mantidos como soldados, recebendo pagamento e prestígio. Como Uzi Dayan afirma:

“Terrorismo precisa de dinheiro, não existe tal coisa de terror sem dinheiro. Ele precisa de dinheiro para armas, dinheiro para propaganda, e dinheiro para dar às pessoas, etc. Se você contar quantas pessoas estão na folha de pagamento do Hamas, você chega a dezenas de milhares.” – Major General (Res.) Uzi Dayan.

<sup>5</sup> [https://www.unodc.org/documents/justice-and-prison-reform/Child-Victims/Handbook\\_on\\_Children\\_Recruited\\_and\\_Exploited\\_by\\_Terrorist\\_and\\_Violent\\_Extremist\\_Groups\\_the\\_Role\\_of\\_the\\_Justice\\_System.E.pdf](https://www.unodc.org/documents/justice-and-prison-reform/Child-Victims/Handbook_on_Children_Recruited_and_Exploited_by_Terrorist_and_Violent_Extremist_Groups_the_Role_of_the_Justice_System.E.pdf)

Quando terroristas atingem seus objetivos, eles e suas famílias são recompensados. Essa prática ganhou o apelido de “Pay for Slay” (pagamento para matar)<sup>6</sup>.



“O problema é que quando você mata judeus, você é popular, e sua família é honrada, e você é pago altas somas, e quanto mais judeus você mata mais você é pago. E não importa se é um soldado judeu, ou um bebê judeu, ou uma idosa judia em Tel Aviv. Você mata judeus, você é um herói, você é um mártir. Você merece ser venerado pelo povo palestino e pago pelo resto da sua vida, e sua família é paga se você é morto”  
– Dan Schueftan.

## SI VIS PACEM PARA BELLUM

Tão logo o Hamas investiu contra o território israelense naquele fatídico feriado de Simchat Torah, a resposta do governo israelense foi considerar que a paz havia acabado e que Israel agora se encontrava em guerra.

Conseqüentemente, nos dias seguintes Israel empreendeu uma enorme investida contra a Faixa de Gaza, território controlado pelo Hamas. Os primeiros dias foram extremamente tensos, com combates intensos e também ameaças por parte de Israel de cortar o fornecimento de água e energia elétrica para Gaza, o que atraiu a condenação de muitos países e organizações internacionais. Sendo assim, as ameaças israelenses não foram cumpridas, mas a situação da infraestrutura em Gaza — que

já era bastante frágil — continuou a deteriorar. Atualmente, há uma situação drástica para a população de Gaza no que tange à distribuição de água.<sup>7,8</sup>

Além disso, eventuais avanços territoriais de Israel ao longo de Gaza levantaram preocupações sobre a proporcionalidade das ações do exército israelense. A solicitação para que civis abandonassem suas casas, precisando achar abrigos em campos de refugiados dentro de Gaza, levou muitas autoridades do sistema internacional a criticar Israel. Esse país, por sua vez, justificou-se afirmando que essas são medidas necessárias para diminuir os riscos de mortes de civis na guerra contra o Hamas.

<sup>6</sup> <https://www.wsj.com/articles/palestinian-pay-for-slay-hamas-oct-7-israel-gaza-antony-blinken-ramallah-2dce9a22>

<sup>7</sup> <https://besacenter.org/relieving-gazas-electricity-burdenn-after-the-war/>

<sup>8</sup> <https://www.csis.org/analysis/siege-gazas-water>





Conforme Israel avançava sobre locais como a cidade de Rafah ou passava a controlar a fronteira entre a Faixa de Gaza e o deserto do Sinai, a Organização das Nações Unidas e até mesmo países aliados de Israel como os Estados Unidos passaram a exercer pressão sobre Israel. Joe Biden, presidente dos EUA, ameaçou parar o fornecimento de bombas e munição de artilharia caso Israel avançasse sobre Rafah<sup>9</sup> — o que Israel fez de qualquer forma.

Em todas as guerras o número de civis que morrem é maior do que o de combatentes. Com a guerra entre Israel e Hamas não é diferente, ainda mais pelo fato do Hamas se esconder no meio da população para lutar contra Israel. Em todas as guerras, o número de civis mortos em contraste a combatentes tende a ter a proporção de 9 para 1; atualmente, no conflito em Gaza, o número está em torno de 2 para 1, como o professor Robert Aumann, ganhador do Prêmio Memorial Nobel de Ciências Econômicas de 2005 explica.

Aumann foi premiado em 2005 devido às suas contribuições para as ciências econômicas com base na Teoria dos Jogos<sup>10</sup>. Segundo ele, a guerra “não é algo irracional”, mas sim um tipo de “jogo”, já que são duas ou mais partes que possibilitam que haja uma guerra; além disso, a guerra, tal qual uma doença, deve ser estudada, não “paciente a paciente” ou “conflito a conflito”, mas sim visando as causas gerais que levam à guerra.

O que levou à sua premiação foi seu estudo sobre a cooperação a partir de “jogos repetidos”:

“**Jogos Repetidos**”, segundo Aumann, levam à cooperação. Por exemplo, quando vamos às compras na padaria da esquina e o padeiro nos fornece alimentos bons, e não alimentos estragados, a chance de voltarmos é maior, e portanto, a chance de continuarmos a cooperar também aumenta. Agora, se nos for fornecido alimentos estragados, a cooperação, esse “jogo” entre comprador e padeiro, muda, e a cooperação se torna mais improvável ou deixa de existir, e vamos comprar nossos alimentos em outro local.<sup>11</sup>

Infelizmente, os “jogos repetidos” no Oriente Médio não levam à cooperação. Aumann atribui a isso a questão da educação corrompida e da ideologia extremista que forma as novas gerações contra Israel, impossibilitando a paz e o aumento da cooperação.

Além disso, Aumann também elabora sobre a razão de não haver paz no Oriente Médio. Basicamente, há três jeitos de se tentar estabelecer a paz. Os dois primeiros são concessões e desarmamento. Concessões, segundo Aumann, não funcionam, muito menos desarmamento. Concessões, quando não apoiadas por negociações e possíveis consequências caso essas negociações falhem ou não sejam respeitadas, apenas trazem guerra. Um exemplo disso foi a retirada de Israel de Gaza em 2005, que unilateralmente saiu da região, buscando paz mas permitindo que o Hamas tomasse controle da região e crescesse.

<sup>9</sup> <https://edition.cnn.com/2024/05/08/politics/joe-biden-interview-cnntv/index.html>

<sup>10</sup> <https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/aumann-lecture.pdf>

<sup>11</sup> Essa explicação foi adaptada com base na resposta fornecida pelo prof. Aumann em entrevista para a *Brasil Paralelo* (disponível em sua plataforma). Também é possível encontrar uma resposta semelhante no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=9c2ASSdonPk>.



Desarmamento, por sua vez, também não traz paz, mas sim guerra. Na Guerra Fria, como Aumann elabora, a certeza de que a utilização de armas nucleares em um conflito bélico causaria a destruição de todas partes envolvidas garantiu a paz e impossibilitou uma terceira guerra mundial entre os soviéticos e o Ocidente. Quando a Ucrânia, nos anos 1990, desarmou-se, ela passou a ser um alvo mais vulnerável à Rússia, que décadas depois de fato empreendeu uma campanha militar contra o território ucraniano em 2022.

Mas então, o que possibilita a paz? Aumann explica sua opinião a partir da “Pax Romana”, o período de paz vivenciado pelo Império Romano durante dois séculos, entre 27 a.C. e 180 d.C.:

“200 anos de paz em Roma. É chamada a paz romana, “Pax Romana”. Agora, você sabe o que possibilitou a paz romana? Era um provérbio, uma máxima que os romanos tinham. Eu direi em latim primeiro e depois traduzirei. Em latim é “si vis pacem para bellum”, que significa ‘se você quer paz, prepare-se para a guerra’, ok? Isso é o que traz paz! Armas nucleares, e de fato todas as armas, existem para não serem usadas!” – Robert Aumann

Por fim, há também o conceito de “**paradoxo do chantagista**”, que Aumann explica a partir da negociação entre duas pessoas:

“**Paradoxo do Chantagista**”: duas pessoas, Ana e Bob, estão juntas em uma mesa. Uma terceira pessoa chega com uma maleta com 10 mil dólares dentro e fala que o conteúdo da maleta poderá ficar com os dois, caso eles cheguem a um acordo sobre como dividir esse dinheiro. Ana sugere dividir igualmente entre os dois, 5 mil dólares para cada, o que seria a decisão mais racional a se fazer. Pedro, por sua vez, não só não gosta dessa sugestão, como se sente ofendido e exige que ele fique com 9 mil dólares. Ana considera isso injusto e irracional, e insiste na divisão meio-a-meio. A esse ponto, Bob não só não aceita, como começa a ficar visivelmente irritado. Ana, vendo isso, acaba cedendo, pois a segunda decisão mais racional é ceder, para que Ana ao menos fique com 1 mil dólares, e não com zero.

A moral por trás desse paradoxo é que **agir de forma irracional gera mais resultados do que agir de forma racional!** Ana deveria, em resposta à irracionalidade de Bob, ter dito que não havia acordo. Assim, ou Bob teria que ceder em sua visão radical e irracional, ou ambos ficariam com zero, visto que a condição para que ficassem com o dinheiro era chegar a um acordo sobre sua divisão.<sup>12</sup>

O paradoxo do chantagista é uma boa figura de análise para ser aplicada em muitas negociações, incluindo, possivelmente, as negociações por paz e coexistência no Oriente Médio. Um bom exemplo dela na vida real (*além do exemplo trazido*

<sup>12</sup> <https://tbshamden.com/odds-a-ends/the-blackmailers-paradox/>





*por Aumann no hiperlink disponível no rodapé da página anterior)* seriam as negociações entre Israel e Palestina no que tange à posse de Jerusalém e às questões de retorno dos refugiados palestinos, com Yasser Arafat, como já mencionado, não aceitando qualquer compartilhamento de Jerusalém, ou Israel se opondo ao retorno dos árabes palestinos afetados pelo Nakba — cada lado, claro, detendo suas próprias razões e racionalizações sobre tais temas.

# CAPÍTULO 03



# CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

## O AIATOLÁ POR TRÁS DA CORTINA

Mesmo com a seriedade e periculosidade referente ao grupo extremista Hamas, esse grupo é, na realidade, usado como uma peça de tabuleiro no jogo geopolítico empreendido por um jogador muito maior e muito mais poderoso, que busca derrotar não só Israel, mas também os Estados Unidos. Esse jogador é o Irã.



“O sonho dos iranianos, ou mais precisamente da República Islâmica do Irã, é primeiro controlar o Oriente Médio. Mas em segundo lugar, em última instância, conquistar o mundo” – Eliyahu Yossian

Em 1979, o Irã passou por uma revolução que depôs seu rei (Xá), Reza Pahlavi, e colocou em seu lugar o Aiatolá Khomeini, líder sunita que estava exilado na França. Nos anos que precederam a revolução, o Irã era palco de instabilidade e disputas ideológicas dentro do contexto da guerra fria. Quem melhor explica o porquê do Irã — que naquela época era uma república “ocidentalizada” com relativa proximidade ideológica aos Estados Unidos — ter se tornado um país de governo revolucionário islâmico é Eliyahu Yossian, entrevistado para o documentário *From the River to the Sea*.

Quando se pergunta sobre “o que foi a revolução iraniana de 1979” para alguém, a resposta dependerá muito das opiniões políticas e da visão de mundo da pessoa a quem é feita a pergunta. Se é perguntado a um ocidental de visão secular-liberal, ele acusará o Xá de ter sido um ditador corrupto e que o povo não o queria. Se perguntado a um apoiador da República Islâmica do Irã, ele te dirá que o povo iraniano é religioso e não se identificava com o que o Xá representava. Segundo Yossian, ambos os lados estão corretos, mas só parcialmente.

O fato é que o Xá vivia uma vida de luxo junto à elite do Irã, enquanto o povo estava muito distante desse tipo de vivência. Ao mesmo tempo, o Xá representava uma cultura secular e ocidentalizada, enquanto apenas uma pequena porção da população iraniana era secular e aberta a esse tipo de pensamento, sendo a maioria da população iraniana religiosa seguidora da vertente xiita do islamismo. Eventualmente, a coesão social se rompeu, e surgiram grupos lutando pelo poder: comunistas apoiados pela União Soviética, mas não pela população; acadêmicos liderados por um homem chamado Dr. Shariati, que não conseguiam conexão com o povo; os *mujahideen*, militantes islamistas que apoiavam uma luta armada, ao contrário do povo. No fim, quem conseguiu obter o apoio popular, por ser um homem religioso, por não ser abertamente belicoso (em um primeiro momento) e por falar de forma simples, foi o Aiatolá Ruhollah Khomeini.

Desde sua ascensão, o regime revolucionário de Khomeini e seus sucessores se tornou um grande inimigo dos Estados Unidos, devido ao apoio anterior desse país ao Xá Reza Pahlavi. Mas também inimigo de Israel, que além de ser aliado dos EUA é também um Estado com uma forte identidade judaica. O Irã, por ser um país cujo governo é fortemente influenciado por uma visão fundamentalista do Islã, acaba por ser um país fortemente oposto a Israel no Oriente Médio. Tanto é que ambos têm trocado golpes recentemente.

No meio do contexto do conflito com o Hamas, em Gaza, Israel tomou uma ação inesperada, atacando uma embaixada iraniana na Síria, no início de abril de 2024. Segundo o Major General (Res.) Yaakov Amidror, essa embaixada era utilizada pela Força Quds, que é um braço da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã, para coordenar ataques terroristas contra Israel. Nesse ataque, morreram líderes da Força Quds e também um membro do Hezbollah<sup>1</sup>. Como resposta, o Irã, atacou diretamente Israel pela primeira vez, com uma onda de ataques de mísseis e drones<sup>2</sup>.

Além disso, recentemente Israel matou um dos líderes do Hamas que estava no Irã: Ismail Hanyá<sup>3</sup>. Após esse caso, e após Israel atacar vários membros do Hezbollah e começar uma campanha militar contra o Líbano (após 12 meses de ataques a mísseis por parte do Hezbollah contra Israel), o Irã lançou mais um ataque a mísseis contra Israel, no dia 1º de outubro de 2024<sup>4</sup>.

O Irã, nos últimos anos, buscar expandir sua influência na região, inspirando-se tanto no passado glorioso dos califados islâmicos que dominaram vastos territórios, quanto no passado do império persa. Aqui, dois fatos são muito importantes: primeiro, é o fato de os iranianos serem etnicamente um povo persa, e não árabe, diferindo-os dos demais países do Oriente Médio; em segundo, o Irã, como já mencionado, é um país xiita, e isso influencia bastante suas decisões geopolíticas.

<sup>1</sup> <https://apnews.com/article/israel-syria-airstrike-iranian-embassy-edca34c52d38c8bc57281e4ebf33b240>

<sup>2</sup> <https://www.aljazeera.com/news/2024/4/14/iran-attacks-israel-with-over-300-drones-missiles-what-you-need-to-know>

<sup>3</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0krl82zqjzo>

<sup>4</sup> <https://www.understandingwar.org/backgrounder/iran-update-october-1-2024>







“O plano iraniano é dominar todos os países árabes, incluindo a Arábia Saudita e os locais sagrados de Meca e Medina” – Edy Cohen.

O objetivo do Irã é se tornar uma grande potência regional, e sua batalha não é apenas contra Israel e EUA, como também contra o mundo sunita, como afirma Mosab Hassan Yousef, ao dizer que “um aspecto muito importante deste conflito que deve ser entendido [é] que o conflito iraniano é majoritariamente contra o mundo sunita”. Para aumentar sua influência no mundo sunita, o Irã se utiliza da hostilidade presente nesses países contra Israel, mas também da estratégia, segundo Eliyahu Yossian, de patrocinar grupos xiitas mundo afora, fortalecendo-os e os opondo aos governos locais. Um grande exemplo disso é o Hezbollah, que opera a partir do Líbano, além de vários outros grupos, como: a Força de Mobilização Popular al-Shaabi no Iraque; os Houthis no Iêmen; os Husseiniyoun no Azerbaijão; os Fatemiyoun no Afeganistão e os Zainabiyoun no Paquistão.

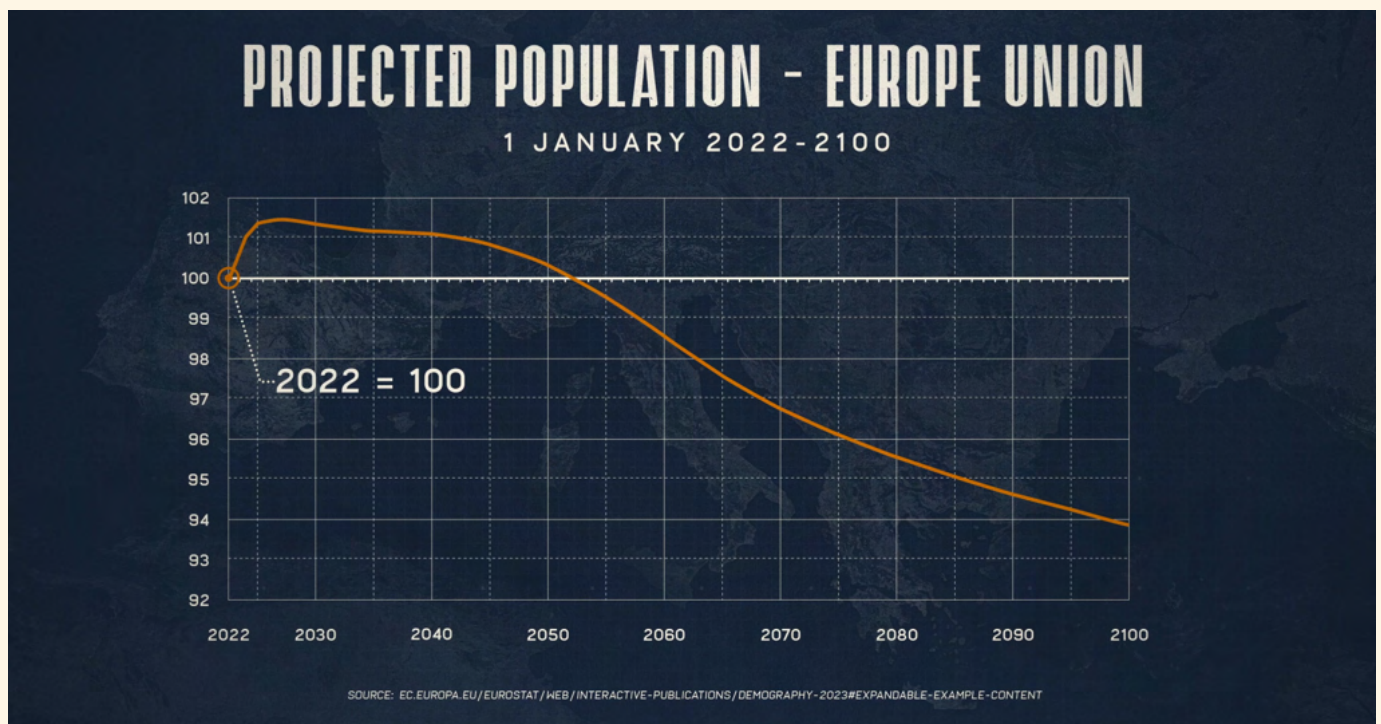


## O OCIDENTE CONTRA SI

Israel é vista como um pequeno pedaço do Ocidente no Oriente Médio. Isso é um dos principais motivos que suscitam tamanha oposição à existência israelense. Essa oposição, incrivelmente, não se encontra só no Oriente Médio, como também tem crescido no próprio hemisfério Ocidental.

Um dos fatores que explica essa oposição é o aumento de populações de origem árabe e muçulmana no Ocidente, principalmente em países europeus como Reino Unido e França. Nos últimos anos, muitos desses imigrantes tem chegado à Europa, uma considerável parte ilegalmente. Isso tem gerado um choque de civilizações oriundo de grandes diferenças culturais, fomentando diversos episódios de instabilidade social, como os que levaram a protestos recentes na Irlanda<sup>5</sup> e no Reino Unido<sup>6</sup>.

Apesar do direito à migração ser legítimo, um documento encontrado nos Estados Unidos em 1991 demonstra que a tendência ocidental a abraçar outros povos, buscando atraí-los para seu estilo de vida liberal, secular e tolerante, pode estar sendo usado contra o próprio Ocidente. Trata-se do “Memorando Explanatório” da Irmandade Muçulmana, grupo muçulmano classificado como terrorista por vários países do Oriente Médio, inclusive o Egito, onde ele se originou.<sup>7</sup> Nesse documento, delineou-se a intenção de fomentar o estabelecimento da cultura jihadista no Ocidente através do crescimento populacional e da infiltração nas instituições para eliminar e destruir “a civilização Ocidental por dentro [...] para que ela seja eliminada e a religião de Deus seja vitoriosa sobre todas as outras religiões”. A existência desse documento é inclusive comprovada pelo New York Times<sup>8</sup>.



<sup>5</sup> <https://time.com/6999049/dublin-ireland-anti-immigration-protests-arrests/>

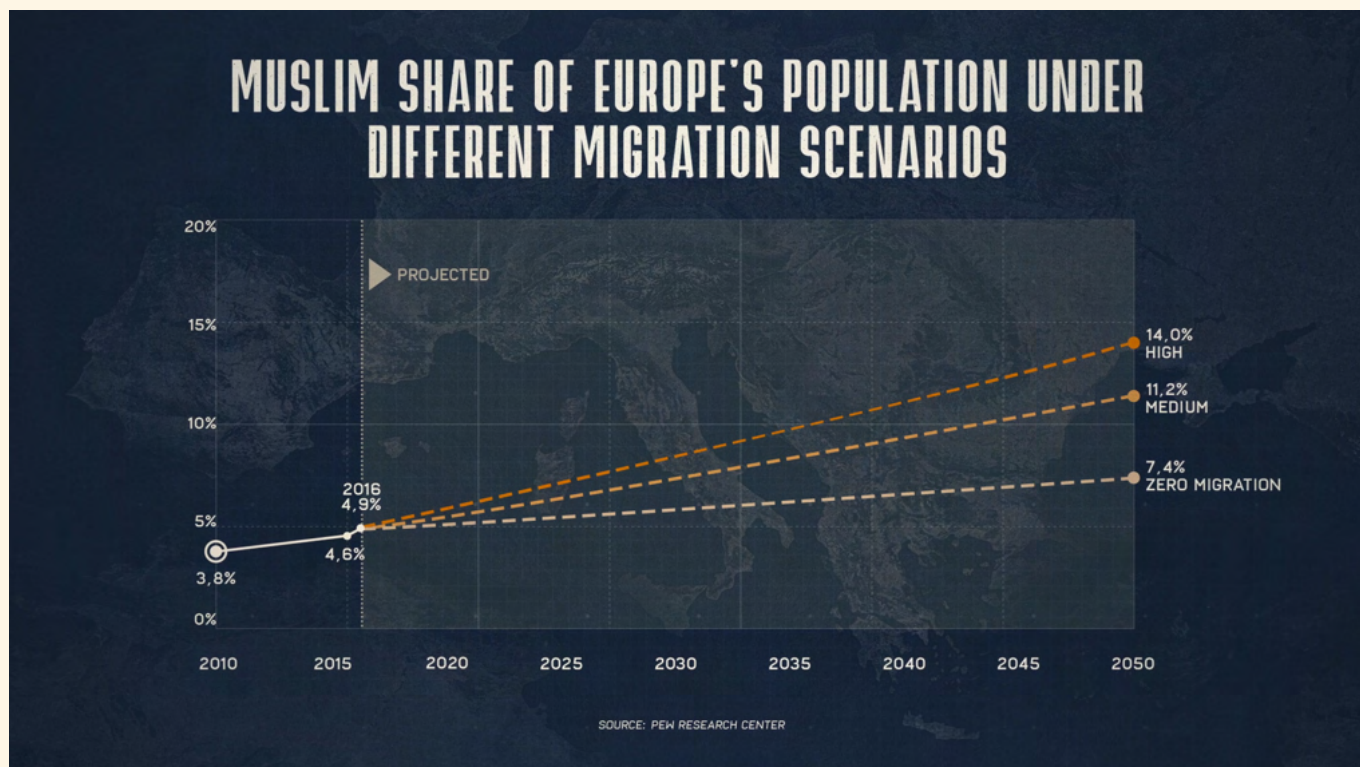
<sup>6</sup> <https://www.hrw.org/news/2024/09/02/after-riots-un-calls-uk-tackle-systemic-racism-colonial-legacies>

<sup>7</sup> <https://www.cfr.org/background/egypts-muslim-brotherhood>

<sup>8</sup> <https://www.nytimes.com/interactive/2017/02/09/world/middleeast/document-elbarasse-search-3.html>







Desde os atentados de 7 de outubro de 2023, muitos protestos, tanto a favor quanto contra Israel, ocorreram. Vários desses em universidades prestigiosas, como as de Columbia<sup>9</sup>, Pensilvânia, Massachusetts e Harvard<sup>10</sup>, levando o próprio governo dos Estados Unidos da América a se envolver e questionar os dirigentes dessas instituições sobre o perigo do crescimento do antissemitismo nas instituições de ensino.

Em relação a esses movimentos universitários contra Israel, é necessário elucidar que, além do Irã, há também outro país que busca aumentar sua influência internacionalmente. Esse país utiliza do seu vasto poder financeiro e midiático para tal. Este é o Catar, país que sediou a copa do mundo de 2022.

<sup>9</sup> <https://www.theguardian.com/education/2024/apr/17/columbia-university-president-testimony>

<sup>10</sup> <https://apnews.com/article/harvard-penn-mit-president-congress-intifada-193a1c81e9ebcc15c5dd68b71b4c6b71>



O Catar abriga os líderes do Hamas e financia diversas instituições no Ocidente, sendo revelado que esse país tem doado mais de 5 bilhões<sup>11</sup> de dólares para universidades nos EUA desde 1986, sendo a maior parte desse valor doado na última década.



“O Qatar é um país que apoia o terrorismo de todas as formas possíveis, para dominar o Ocidente através do sua jihad financeira, que também é um tipo de luta que fazem contra o Ocidente” – Mordechai Kedar.

Diante de todos esses fatores, é possível enxergar que os acontecimentos atuais no Oriente Médio não se limitam apenas àquela região, mas são parte de um conflito maior pela direção dos futuros valores da humanidade. Enquanto Israel, ciente disso, luta contra o terrorismo internacional, o Hamas, se utilizando do sofrimento palestino, luta para extinguir o Estado de Israel, que é um representante da democracia e dos valores ocidentais em uma terra onde esses valores são estranhos e indesejados. Por sua vez, outros atores maiores, como Irã, Catar, e até mesmo Rússia e China, se utilizam do conflito para realizarem suas manobras geopolíticas e combater os Estados Unidos e seus aliados.

<sup>11</sup> <https://www.ft.com/content/d0a16f75-8b05-4ff9-b5f1-d473d7f5a704>



Finalmente, em meio a tudo isso, as populações ocidentais, detentoras de valores liberais e seculares, aparentemente cada vez mais desapegadas de suas raízes culturais e religiosas, caminham de forma sonâmbula rumo a um futuro em que esses mesmos valores, hoje desvalorizados, ameaçam também desaparecer.



“Quem observa objetivamente o que tem acontecido na última geração percebe que há uma luta. Quem será o líder do mundo em valores da humanidade? Ainda estamos em uma situação onde o Ocidente é a cultura dominante. Hoje as coisas estão em perigo, uma certa desestabilização. O mundo islâmico está tentando ser o líder. Nesta grande luta, o povo de Israel está bem no meio.” – Rabino Oury Amos Cherki.

“Primeiro, muitas pessoas no Ocidente perderam o desejo de ser a cultura que liderou o mundo nos últimos séculos. Eles querem viver suas vidas privadas e abriram mão da hegemonia moral, da hegemonia política, econômica, com a Europa tinha e suas colônias.

Em segundo lugar, muitos na Europa se arrependem e sentem remorso pelo que fizeram aos povos da África, para as pessoas na América do Norte, na América do Sul, para os povos indígenas, e nós, o povo do Ocidente, devemos cancelar tudo o que fizemos para compensar os erros dos quais somos culpados. O discurso pós-colonialista.

Em terceiro lugar, muitos no Ocidente abandonaram o Cristianismo, tornando-se ateus. E quando você desiste da sua religião, você desiste da sua história, da sua cultura, você desiste do seu passado, e essencialmente não tem raízes, e, portanto, não importa quem estará aqui, se será um país com maioria cristã ou maioria muçulmana, ou qualquer... não importa.

Por quê? Não há necessidade. Eles não trazem filhos ao mundo. E, portanto, eles já estão vivendo uma cultura que está a caminho de deixar de existir.” – Mordechai Kedar.

